

Estais gostando do Brasil?

Elídio Nhamona¹



Eis a pergunta recorrente, quando digo que sou moçambicano. Talvez por não saber responder, visto estar cá há pouco tempo e poder me equivocar, respondia afirmativamente. Desculpa, não? Não que hoje a resposta seja sim, mas tentando ser realista, digo: gosto de algumas coisas e me desagradam outras. Mas tal resposta vem temperada com uma descrição real e crítica do meu país. A dificuldade de dizer um sim ou um não simplesmente se deve a tentativa de descobrir o porquê e quais as intenções profundas do questionamento.

Outro problema muito mais difícil se levanta: vou falar do Brasil ou dos “Brasis”? Será que o pouco que conheço é o mais significativo do Brasil? Ou existe na questão um desejo, um anseio de olhar diferente, africano, positivo? Estas oscilações e tensões permeiam o olhar sobre um Brasil que mal conheço e visto por um sujeito com uma vivência cidadina moçambicana.

O Brasil desde a escravatura pertence ao imaginário moçambicano, sobretudo o urbano. Daí que o samba, o futebol, os escritores brasileiros, as novelas e outras formações culturais façam parte do nosso cotidiano. Embora oportunas, essas informações não foram úteis quando cheguei a São Paulo. Era a primeira vez que conhecia uma megalópole e tive a sensação de estar num espaço ‘tomado’.

O processo para mestrado foi trabalhoso, visto que tive que tratar um conjunto de documentos para viagem. Havia concorrido para bolsa em Agosto de 2005 e esperava que o resultado só saísse um ano depois. Quando me encontrava a serviço em Lichinga, na capital provincial do Niassa, foi-me enviada uma mensagem pela internet. Tive que esperar uma semana para terminar o serviço e depois voltar a Maputo. Assim, comecei a tratar uma série de documentos e alguns os deixei pendentes. No dia da partida atrasei ao vô da South África Airways, pois foi ao cartório e só foi possível ir até Joannesburg nas Linhas Áreas de Moçambique. Chegado à África do Sul, os hotéis do aeroporto estavam lotados e dormi com um grupo de asiáticos nas cadeiras da salas de espera. No dia seguinte, seguimos para São Paulo na qual chegamos ao fim da

¹ Elídio Nhamona, mestrando em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. FFLCH-USP. Pesquisa: A poética de Orlando Mendes: Diálogo(s) com o sistema literário moçambicano e com o macrossistema literário em língua portuguesa.

tarde. Desorientado, ao chegar a Guarulhos, pensei estar em São Paulo. Visto que estava cansado, dormi num hotel desta cidade. No dia seguinte fiz a viagem de ônibus, metrô e táxi para o centro da cidade. Felizmente tive sempre apoio para regularização da estadia e ingresso no sistema da universidade.

E quanto a Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas da USP, fascinou-me o rico acervo com um sistema ágil e estimulante à leitura. Impressionou-me os muitos cursos da Faculdade e uma produção intelectual invejável. As aulas que têm sido teórica e metodologicamente produtivas e apresentam um teor cultural em franco diálogo com outros ramos do conhecimento. Os colegas tem sido afáveis, simpáticos e temos mantido relações frutíferas que possibilitam a partilha de visões oriundas das diferentes educações. A relação entre o professor e o aluno é coloquial, próxima, mas de respeito. Nas turmas nas quais tive seminário, espantou-me a ausência de diversidade racial manifesta em outros espaços citadinos.

No convívio, o sotaque tem com freqüência realçado a presença do alheio, motivando curiosidades ou revelando preconceitos. Tive que aprender a língua, os gestos e as posturas. Aprendi? Não sei. Certamente o aluno não está à altura do mestre. Daí que a percepção do próprio torna-se menos quadrada e mais relativa nas interações com outro. Por isso, Moçambique não é só como se diz lá, "maningue nice", isto é muito bom.

Espanta-me a diversidade cultural em todos os sentidos. Olhando para o espaço, o vejo compósito. O mesmo o digo em relação aos sabores: uma variedade de pratos que desfilam de acordo com o bolso. Muitos dos ingredientes são idênticos aos que conheço, mas as misturas, diferentes. Outros são completamente desconhecidos. Os nomes destacam um mosaico cultural, mas com predominância ocidental. O português reina aqui, enquanto no Indico há uma diversidade de línguas predominando as bantu.

Gostei imenso de ver o carnaval e a copa do mundo. Povo heróico, gente linda e alegre, apesar de tudo. A franqueza espelha a liberdade e o jeito criativo do brasileiro me lembram as histórias do coelho nas narrativas orais. Cada um se safa como pode. Não terão as mesmas aflições o camelô e o vendedor do dumba nengue? Não são ambos informais e fugitivos de uma polícia que os explora e os maltrata? Difícil é olhar para as favelas e não se recordar dos bairros suburbanos de Maputo. Quantas Mafalalas, malhangalenes, Maxaquenes, Chamanculos e Xipamanines existem na Grande São Paulo? Qual é a diferença entre um microônibus e um chapa cem? As aproximações e as diferenças são tantas assim como reconhece Albino Magaia em Assim no tempo derrubado em que diz: 'meu irmão não tem cor, pois mora em todo mundo e no Brasil canta samba nos morros'. Ou será que estou gostando do Brasil?